

---

## **Adolescência e criminologia midiática no programa policiaisco Cidade 190<sup>1</sup>**

Calebe Rodrigues da SILVA<sup>2</sup>

Helena MARTINS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará

### **RESUMO**

O presente trabalho objetiva analisar a construção de representações sociais sobre adolescentes no programa policiaisco cearense Cidade 190. A partir dos conceitos de criminologia midiática (Zaffaroni, 2012) e estigmatização (Goffman, 2004) foram analisados os programas que citaram adolescentes em dois períodos distintos que remetem a crise de segurança de segurança pública no Ceará em 2018 e 2019. A análise de conteúdo do corpus selecionado evidencia a existência de um processo de criminalização daquele grupo social, o que ocorre a partir do silenciamento, da superexploração de casos de delitos nas matérias, descontextualização deles e da problemática da segurança pública, em geral, entre outros procedimentos que são detalhados no texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** adolescência, programas policiaiscos, violência, cidade 190

### **Introdução**

Os programas policiaiscos são um fenômeno de audiência em todo o território nacional. Na televisão, seu surgimento aparece como resposta para a crise econômica dos veículos de comunicação, entre as décadas de 1970 e 1980. O crescimento desse tipo de atração foi percebido especialmente nos anos 1990, como exemplifica um dos programas televisivos mais marcantes daquela década, o Aqui Agora, do SBT.

Segundo a pesquisa Televisões: violência, criminalidade e insegurança nos programas policiais do Ceará, publicado pelo Centro da Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca), em 2011, eles se caracterizam por produzir conteúdo noticioso

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a 7/09/2019

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: rscalebe@gmail.com

<sup>3</sup> Professora Doutora da Universidade Federal do Ceará e orientadora do trabalho, e-mail: mb.helena@gmail.com

---

centrado especialmente em temas criminais, com apelos sensacionalistas e estrutura narrativa considerada simplificada e maniqueísta.

A cobertura midiática desses programas se volta para ações policiais e diversas manifestações de violência. Pode-se observar o uso da linguagem coloquial, popular, com gírias policiais, colocando apresentadores, repórteres e cinegrafistas como figuras centrais na narrativa e no direcionamento da mensagem para o telespectador. O conteúdo é caracterizado como espetáculo guiado por aqueles atores.

As narrativas construídas nos programas levam a compreender o mundo por meio de noções presentes no imaginário popular, ou seja, geram as representações sociais. Elas nos levam a nomear, definir e interpretar coletivamente aspectos da realidade, influenciando diretamente em tomadas de decisões (JODELET, 1989). A representação social “[...] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Ibidem, p. 04).

Optou-se por pesquisar detidamente aquelas narrativas que citam adolescentes. A escolha se deu a partir da observação da recorrência em que pautas que envolvem atos infracionais do grupo social em questão são transmitidas pelo programa. Segundo o Atlas da Violência<sup>4</sup>, o Estado do Ceará teve um aumento na taxa geral de homicídios no período de 2005 a 2015, saltando de 1.699 para 4.163. Segundo dados do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência<sup>5</sup>, 514 adolescentes foram mortos no estado de janeiro a julho de 2018. O documento mostra ainda que as mortes por intervenção policial cresceram:

De janeiro a maio de 2018, 108 pessoas foram mortas em intervenção policial: 17 tinham idade entre 12 e 17 anos e 45 estavam na faixa etária entre 18 e 24 anos. Em 2017, o total de mortes chegou a 161. Para se ter um comparativo, durante todo o ano de 2016, as mortes por intervenção policial somaram 109, apenas uma a mais do que em cinco meses de 2018. (CCPHA, 2018, p.17).

O presente artigo, a partir do diálogo com autores como Zaffaroni (2012) e Goffman (2004), levantará questões a respeito da cobertura midiática do programa sobre

---

<sup>4</sup> IPEA. FBSP. ATLAS DA VIOLÊNCIA 2018. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=33410&Itemid=432](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432)> Acesso em: 07.04.2019.

<sup>5</sup> CCPHA - Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. Cada Vida Importa. Fortaleza, 2018. Disponível em: <<http://cadavidaimporta.com.br/publicacoes/>>. Acesso em: 10.04.2018.

---

adolescência, levando à reflexão sobre uma possível criminologia midiática e estigmatização da adolescência em vulnerabilidade social como grupo social violento e criminoso.

### **Metodologia**

Os momentos históricos de análise da pesquisa compreendem dois períodos que se relacionam com a crise da segurança pública no estado do Ceará. O primeiro deles, de 5 a 9 de novembro de 2018, marca a passagem do aniversário de três anos da Chacina da Messejana, uma série de homicídios praticados por policiais militares, ocorridos na madrugada do dia 11 e 12 de novembro de 2015, em Fortaleza, que resultou na morte de onze pessoas, todas do sexo masculino, sendo sete adolescentes.

Logo que o fato veio à tona, ganhou ampla repercussão pública, pois era, até então, a maior chacina já ocorrida no Ceará. Em um primeiro momento, sem maiores informações, a cobertura midiática se voltou para uma suposta “guerra entre traficantes”. Então, houve um clamor das empresas de comunicação, sobretudo por meio dos programas policiaiscos, para divulgação dos antecedentes criminais das vítimas, iniciativa que vai ao encontro do discurso criminalizador do “bandido bom é bandido morto” e da produção de um eles que viabiliza o estranhamento e a indiferença em relação a determinado grupo social.

O segundo momento de análise, de 7 a 11 de janeiro de 2019, corresponde ao período em que o estado do Ceará atravessou uma onda de violência que teve início no dia 2 de janeiro, após declaração do então novo secretário de Administração Penitenciária, Luís Mauro Albuquerque, de que endureceria as políticas do sistema prisional no Ceará. Até o dia 29 de janeiro, ocorreram 258 ataques contra ônibus, prédios públicos e privados, prefeituras e comércios em 50 dos 184 municípios cearenses. A Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) confirmou que 461 pessoas foram detidas por envolvimento nas ações criminosas.

O programa foi gravado na íntegra, durante as duas semanas mencionadas, por meio de receptor e os conteúdos que citavam diretamente ou indiretamente adolescentes foram analisadas de forma aprofundada, a partir da metodologia da análise de conteúdo. Para tanto, verificamos os conteúdos considerando as seguintes categorias: tema da

---

matéria, duração, citação de atos violentos, o lugar do adolescente na pauta e, sobretudo, os comentários dos apresentadores.

### **O Fenômeno dos Programas Policialescos**

Os programas policiais são um fenômeno de audiência em todo o território nacional, algo viabilizado também pela transmissão em rede, como ocorre com os programas *Cidade Alerta*, da Record, e *Brasil Urgente*, da Band. No ambiente televisivo, o surgimento desses programas ocorreu entre as décadas de 1970 e 1980, como parte da busca de respostas para a crise econômica dos veículos, a popularização da TV, a luta das emissoras pela definição de públicos e o apelo de parte delas ao “gosto popular” ou ao grotesco. Nesse contexto, entre as estratégias utilizadas estavam a adoção da estética melodramática e do jornalismo sensacionalista, que “[...] privilegia a superexposição da violência por intermédio da cobertura policial e da publicação de fatos considerados chocantes, distorcidos, usando uma linguagem que não raras vezes apela a gírias, palavrões e inclui no seu repertório expressões de fácil entendimento para os grupos populares” (BARBOSA. 2007, p. 214).

Nas últimas décadas, esse tipo de programa ganhou ainda maior notoriedade. O crescimento foi percebido especialmente nos anos 1990, como exemplifica um dos programas televisivos mais marcantes de então: o *Aqui Agora*, do SBT. O próprio *Aqui Agora*, confirmando o processo histórico pontuado anteriormente, foi baseado no quase homônimo *Aqui e Agora*, exibido pela TV Tupi em 1979, de segunda a sexta-feira, a partir do meio dia. O programa representou uma tentativa do SBT de disputar a audiência do *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão.

Compreender a forma com que operam estes programas é refletir não só sobre a violência como pauta mas também a violência praticada por meio deles, em discursos, o que permite observar em detalhes a construção da criminologia midiática que, nos termos de Zaffaroni (2012), contribui para a criação de realidades “[...] através da informação, subinformação, desinformação midiática, em convergência com preconceitos e crenças” (ZAFFARONI, 2012, p. 303). Um dos mecanismos fundamentais, segundo o autor, de sua operação é a definição de um *eles* estereotipado. “A criminologia midiática cria a realidade de um mundo de *pessoas decentes* frente a

---

uma massa de *criminosos*, identificada através de estereótipos que configuram um eles separado do resto da sociedade, por ser um conjunto de *diferentes e maus*” (Ibidem, p. 307, grifos do autor).

Compreender a mídia não deixa de ser um modo de se estudar a própria violência, pois quando esta se apropria, divulga, espetaculariza, sensacionaliza, ou banaliza os atos da violência está atribuindo-lhes um sentido que, ao circular socialmente, induz práticas referidas à violência. (RONDELLI, 1998, p. 149). No Cidade 190, observa-se a exploração da violência como tática de atração de público. Os conteúdos são apresentadas como shows. Assim, fatos sociais complexos são transformados em divertimento. Quanto à linguagem, é possível perceber o uso da linguagem coloquial, popular, com gírias policiais. Apresentadores, repórteres e cinegrafistas são colocados como figuras centrais que constroem um endereçamento que objetiva influenciar na maneira como o telespectador recebe a mensagem. Todo o programa é conduzido como um espetáculo guiado por esses âncoras-atores. Eles promovem uma espetacularização da realidade com apelos sensacionalistas e um forte distanciamento do que conforma o gênero jornalístico, ainda que seja considerado como uma prática social mutável.

Traquina trabalha com três diferentes esferas de padrões jornalísticos: a de consenso, de controvérsia e de desvio. Na esfera do consenso, encontram-se os valores vistos como consensuais na sociedade, como a pátria, a maternidade e a liberdade. Já na esfera de controvérsia, defende o autor, “[...] a neutralidade e o equilíbrio são as principais virtudes jornalísticas” (TRAQUINA, 2008, p. 87). Nesta esfera, os jornalistas apresentam os dois lados da questão sem tomar partido, “[...] seguindo procedimentos que estão identificados como a objetividade” (TRAQUINA, 2008, p. 87). Por último, na esfera de desvio, os media desempenham o papel de exposição, condenação e exclusão da agenda pública pautas que isolam ou desafiam os valores de consenso.

Na análise do corpus selecionado, composto por 14 matérias, verificou-se que elementos basilares do jornalismo, como o uso de fontes e a busca por diversidade de olhares, não estão presentes. Foi possível constatar neste trabalho que em oito foram ouvidas fontes e nenhuma delas apresentou posições divergentes, indo de encontro à

---

definição de equilíbrio proposta por Traquina (2008) e usualmente atrelada à prática jornalística. Além disso, nenhum adolescente foi ouvido e os contextos sociais em que eles se inserem não foram citados em nenhuma das matérias.

Apesar dos conceitos de objetividade, neutralidade e isenção serem questionáveis e criticados no campo, sua busca define uma característica socialmente construída da prática jornalística quando, por exemplo, o profissional escolhe mais de uma fonte com o objetivo de equilibrar as visões trazidas na matéria. Práticas como essa não são comuns no tipo de programa em análise, daí a opção pelo uso do termo policialesco e não de jornalismo policial para referenciá-lo.

### **Ser Adolescente no Ceará**

A realidade da adolescência no Ceará, sobretudo a periférica, perpassa por muitas vulnerabilidades sociais. O Estado possui o maior número de homicídios na adolescência segundo o UNICEF. A taxa de adolescentes mortos no estado é de 8,71 para cada 100 mil habitantes, número quase 10 vezes maior que o do estado que aparece com o índice mais baixo, Santa Catarina, com 0,93. Ainda segundo o estudo, os adolescentes negros possuem um risco 2,88 vezes superior de serem mortos em relação aos brancos.

Esse extermínio da juventude, sobretudo a negra e periférica, deve-se principalmente à política instaurada de “guerra às drogas”, termo que faz referência à campanha, liderada pelos Estados Unidos, de proibição de drogas, que embasa a política de criminalização do uso de drogas em países como o Brasil. Wacquant (2003) afirma que a política de “guerra às drogas”:

[...] designa na verdade uma guerrilha de perseguição penal aos vendedores de rua, dirigida contra a juventude dos guetos para quem o comércio a varejo é a fonte de emprego mais diretamente acessível (adler, 1995). É uma “guerra” que não teria razão de ser, [...] era perfeitamente previsível que se abateria de maneira desproporcional sobre os bairros deserdados: neles a presença policial é particularmente densa, o tráfico ilícito é facilmente identificado e a impotência dos habitantes permite à ação repressiva toda a liberdade. (WACQUANT, 2003, p.16).

---

Para Barros, Acioly e Ribeiro (2016), devido à demonização das drogas, a crescente violência policial por vezes é legitimada e até requerida por amplos setores sociais se suas vítimas forem supostos “traficantes” ou “envolvidos com o crime”. Nesse contexto, os adolescentes em conflito com a lei, sobretudo, são classificados como “elimináveis” seja devido à prática de atos infracionais ou pela força do estigma de criminoso e potencialmente reincidente.

A valorização da exposição de conteúdos que mostram os adolescentes como criminosos pode ser verificada quando observado o tempo dedicado a cada matéria. Nas duas semanas analisadas, os conteúdos veiculados em que eles aparecem como criminosos somam juntos uma hora, quatro minutos e vinte e quatro segundos. Já os que eles aparecem como vítimas somam dez minutos e cinquenta e seis segundos. Uma diferença de cinquenta e três minutos e vinte e oito segundos. Um dos conteúdos em que o adolescente aparece como autor de um ato infracional chegou a possuir treze minutos de duração. Na condição de vítima alcançou, no máximo, quatro minutos e quarenta e nove segundos.

Observar os discursos criados sobre os adolescentes nesse contexto é necessário, pois eles têm justificado tanto aquela política de guerra às drogas quanto outras iniciativas de cunho punitivista, permeando fortemente os debates sobre segurança pública que, longe de ser uma problemática apenas do Ceará, importa a todo o Brasil hoje. Ademais, têm justificado inclusive a eleição de apresentadores de atrações desse tipo ao Legislativo, como ocorreu no caso do Cidade 190, o que reforça a importância desta análise.

### **O Programa Policialesco Cidade 190**

Considerado popular por atingir grande audiência, o programa é transmitido de segunda a sexta-feira, duas vezes ao dia, sendo uma reprise às 7h30min e a transmissão ao vivo às 12h, pela TV Cidade. Afiliada da Rede Record no Ceará, a emissora compõe o Grupo Cidade de Comunicação, um dos maiores grupos de mídia do estado. Também fazem parte dele sete rádios e o portal CNews. Inaugurada no ano de 1978, a emissora recebeu o nome de TV Uirapuru, inspirada na Rádio Uirapuru, de propriedade do

---

empresário José Pessoa de Araújo, que fundou a TV em parceria com Patriolino Ribeiro. Hoje, o Grupo pertence a Miguel Dias de Souza, filho de Patriolino, empresário e político filiado ao partido Partido Republicano Brasileiro (PRB), que se apresenta como centro-direita. O empresário foi 2º Suplente de Senador na eleição de Eunício Oliveira, pelo Ceará, em 2010.

No programa Cidade 190, os apresentadores são os principais responsáveis pela construção discursiva que os constituem como mediadores entre as demandas da população e o Estado. Vitor Valim, eleito duas vezes vereador de Fortaleza, ex-deputado federal e atual deputado estadual no Ceará, recebeu 63.642 votos nas eleições de 2018, em todo o Ceará, sendo 39.381 registrados na capital, quando concorreu com o número 90190, uma referência explícita ao número telefônico da Polícia Militar e também ao título do programa. Vale destacar a votação expressiva na periferia de Fortaleza, fato que dá indícios sobre a composição da audiência do programa comandado por ele. Os bairros em que Valim recebeu mais votos foram, respectivamente: Barra do Ceará, com 1.436 votos; Conjunto Ceará 1, com 1.380 votos; e Bom Jardim, com 1.246 votos. O segundo apresentador do programa, Evaldo Costa, exerce seu primeiro mandato como vereador da capital, tendo concorrido com o número 10190. É importante destacar que Evaldo também recebeu grande número de votos das periferias, com destaque para os bairros: Vila Velha, com 390 votos; Barra do Ceará, com 359 votos; e Messejana, com 264 votos. O apresentador foi o 11º mais votado da cidade nas eleições de 2016.

Nas eleições de 2018, embora os apresentadores de televisão tenham passado a dividir espaço, audiência e importância política com produtores de conteúdo da Internet, ainda foi expressiva a participação de âncoras e repórteres de programas policiais. De acordo com levantamento do Intervezes - Coletivo Brasil de Comunicação Social do quadro de candidaturas de 10 estados do país (PA, CE, PB, PE, BA, MG, RJ, ES, SP e PR) e do Distrito Federal, 23 apresentadores e repórteres de programas policiais pleitearam vagas nas assembleias estaduais e Câmara Distrital. O levantamento mostrou que a maior parte desses apresentadores e repórteres participa das Eleições 2018 em partidos que têm a família e a religião como bandeiras.



---

Ambos se revezam no papel de âncora. A primeira parte do Cidade 190 normalmente é comandada por Vitor Valim e a segunda por Evaldo Costa. São esses apresentadores que exercem o papel de opinar sobre as temáticas das matérias veiculadas. Ao passo que os sujeitos que produzem conteúdo in loco, atuando como repórteres, constroem um discurso baseado na descrição dos fatos, com poucas inserções pessoais, as opiniões proferidas pelos âncoras são explícitas e carregam um discurso de solução de conflitos, sobretudo em temáticas que envolvem problemas com a segurança pública, como será detalhado na análise de cada programa. Tentam convencer que defendem a população “a qualquer custo”. Para isso, exploram as emoções dos telespectadores e, como nas igrejas neopentecostais, usam gritos como forma de comoção. Com essa operação, aparecem como pessoas portadores e defensores das saídas para os problemas abordados, do que pode decorrer a inserção deles na política institucional com sucesso eleitoral.

### **O Papel dos Apresentadores**

Como explicitado no tópico anterior, o programa Cidade 190 é guiado pelos dois apresentadores Vitor Valim e Evaldo Costa. Ambos possuem papel importante de ser analisado, sobretudo nas opiniões que são apresentadas como soluções para problemas reportados e que são proferidas por meio de comentários entre os conteúdos veiculados. Buscou-se, em primeiro lugar, perceber a ocorrência de estigmatização dos adolescentes supostamente envolvidos com atos infracionais. É considerado um estigma, nos termos de Goffman (2004), a categorização e atribuições consideradas comuns e naturais estabelecidas por ambientes sociais:

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de normais. (GOFFMAN, 2004, p. 08)

A partir da análise, é possível verificar a estigmatização praticada pelo programa contra os adolescentes, o que contribui para com a criminalização dos mesmos. Indício dessa operação, observou-se o demasiado uso de adjetivos. Dos sete

comentários analisados sobre eles, todos traziam caracterizações de teor negativo imputadas aos adolescentes, de forma explícita ou irônica. Repetido à exaustão, o uso de “menor” para se referir aos adolescentes, algo típico de legislações anteriores ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como o Código de Menores, foi visto corriqueiramente, o que leva a um processo de desumanização e enquadramento no âmbito criminal. Outros adjetivos foram usados como vagabundos, bandidos, perversos, bichinhos e inimputáveis.

Pode-se observar, no uso de adjetivos ao longo dos comentários proferidos, a configuração da criminologia midiática a partir do processo de estigmatização dos adolescentes por meio da desumanização e, sobretudo, a partir da construção do discurso de impunidade dos adolescentes em conflito com a lei, que são enquadrados como a massa criminoso. Ao se observar a temática abordada e as saídas apresentadas pelos apresentadores para os problemas reportados, o mesmo ocorre.

Do total de quatorze conteúdos exibidos nas duas semanas analisadas, em sete deles um dos apresentadores proferiu comentários a respeito dos adolescentes. Em todos o viés é negativo, os adolescentes são estigmatizados como criminosos e são proferidas críticas ao ECA. As falas se voltaram principalmente para o clamor por penas mais severas. Na tabela abaixo segue o resumo dos comentários proferidos, sintetizados a partir da observação dos conteúdos que, dos períodos analisados, continham referências aos adolescentes.

Data	Chamada	Comentário
05.11.18	Adolescentes com armas falsas tomam carro de assalto e se envolvem em acidente	Antes da exibição da matéria, o apresentador Vitor Valim comenta: “E agora nossos velhos e inimputáveis adolescentes... Quatro deles armados, uns com armas falsas, outros não, tomaram um carro de assalto de uma mulher. O alvo preferido desses vagabundos” [...] “Bandidos, todos eles menores de idade, já tiveram várias passagens pela DCA, mas toda vida foram soltos porque menores de idade, os

		bichinhos, não sabem o que estão fazendo”.
06.11.2018	Polícia combate facções em bairro de Fortaleza. Três foram apreendidos com drogas e arma.	Após a matéria, o apresentador Evaldo Costa comenta: “Os menores são mais perversos, agem com mais crueldade porque têm a certeza da impunidade. Passam pouco tempo. Só vão para a engorda e são soltos [...] Parabêniso a polícia pelas apreensões, essa arma com certeza já matou alguém, já lesionou alguém...”
07.11.18	Parquelândia: clínica assaltada duas vezes em quinze dias // Dois assaltos em 15 dias: bandidos ameaçaram funcionárias de morte	Evaldo Costa, depois do conteúdo veiculado, pede foto do adolescente que aparece com o rosto desfocado e comenta: “Isso acontece porque menor de idade daqui a pouco ganha a liberdade de novo. Pra ele ir pra DCA é mesmo que nada, né? Vai pra lá, chama a mãe, chama o pai, assina um termo e entrega pra família. Dezesete anos, poderia estar contribuindo para o crescimento do país, mas não cria vergonha na cara. Bom de umas lapada”.
09.11.2018	Profissão perigo: adolescentes solicitam carro por aplicativo e assaltam motorista	O apresentador Vitor Valim chama a matéria já afirmando que o crime foi praticado por adolescentes que “não vão acertar suas contas com a justiça infelizmente”, após a exibição, continua: “Os menores de idade sabem muito bem o que tão fazendo. Reincidentes, gozam da impunidade. Nem o Estatuto da Criança e do Adolescente é cumprido aqui no Ceará. O elemento desse, reincidente, deveria estar sem conviver com sociedade. Então não se faz nada, não se recupera menor infrator, não se recupera a lei. O fato concreto é que nós cidadãos de bem somos vítimas desses elementos que gozam do manto da impunidade”.

08.01.2019	Criminosos filmam comparsas invadindo depósito de construção para incendiar caminhão	Com imagens de um atentado na tela, Vitor Valim comenta: “E olha como fazem com o patrimônio desse cidadão. É revoltante. Vai o cara fazer alguma coisa. Mata um vagabundo desse... Pronto! Aí depois sabe pra quem vai sobrar? Pra mim! 'É Vitor Valim, você não viu que os bichinhos eram franzinos, menores de idade'. Ah, meu amigo, tenha santa paciência. Quer dizer que não tem bandido franzino com vinte anos de idade não? É um excesso de proteção para essa cambada de vagabundo, meu irmão”.
09.01.2019	Adolescente apreendido afirma que guardava explosivos para explodir ponte da Barra do Ceará	Vitor Valim comenta antes de exibir conteúdo: “Este elemento de dezessete anos que eu não posso mostrar o rostinho dele... Outra coisa, fica a dica pro governador: Governador, colocou um secretário macho agora no sistema penitenciário, agora coloca alguém que preste também nesse setor de menores infratores. Não podemos ter o setor de menores infratores dominado pelas facções. Inclusive [elas] estão usando agora esses menores de idade, que sabem [eles] gozam da impunidade aqui no estado do Ceará, para barbarizar.” [...] “Pois é, este elemento foi preso no Morro do Santiago e solto em dezembro porque o [tom irônico] bichinho, menor de idade, já podia voltar a viver com a sociedade. Tem mais de quatro passagens pela DCA, pelos mais diversos crimes. Mostra aqui o Sansãozinho, produção!” [Imagens de vídeo em que adolescente aparece com o rosto desfocado] “Se não fosse a partir das denúncias da população, não se teria chegado a esse [tom irônico] pobre menor de idade, ‘tava’ solto esse vagabundo”.

10.01.2019	9 dias de ataques: ações criminosas são registradas em pontes e viadutos na capital e interior	Retransmitindo imagens do dia anterior que mostra adolescente com rosto desfocado, Vitor Valim volta a comentar sobre o caso: “Inclusive, se não fosse o trabalho da nossa valorosa Polícia Militar, o bandido... esqueci o nome do elemento, já tinha sido preso, tinha sido solto, 16 anos apenas mas respondia a um rosário de crimes.”
------------	--	--

Tabela 1 - Comentários dos apresentadores do programa Cidade 190

Todos os comentários analisados expõem uma suposta impunidade dos adolescentes em conflito com a lei. Quando comenta, em 5 de novembro de 2018, que os adolescentes são “inimputáveis”, Vitor Valim se vale do termo jurídico para clamar pela redução da maioridade penal. Apesar de não expor abertamente em sua fala, ao criticar a suposta isenção de pena para adolescentes, Valim sugere como solução para o crime ocorrido a redução da maioridade. O apresentador continua sua fala afirmando que os adolescentes “já tiveram várias passagens pela DCA [Delegacia da Criança e do Adolescente], mas toda vida foram soltos porque menores de idade, os bichinhos, não sabem o que estão fazendo”, com perceptível tom irônico, o apresentador os caracteriza por “menores” e não por “adolescentes” o que pode ser compreendido como um processo de enquadramento desses sujeitos no âmbito criminal e mesmo de desumanização.

Em 6 de novembro de 2018, Evaldo Costa afirma que “[...] os menores são mais perversos, agem com mais crueldade porque têm a certeza da impunidade”, acusação que não é acompanhada por dados ou qualquer outro embasamento para a afirmativa e que contraria o que se viu ao elencar os tipos de delitos cometidos por esse segmento populacional - que não são, em geral, mais violentos. Já no dia 7 de novembro de 2018, Evaldo Costa volta a sugerir a ideia de impunidade dos adolescentes, criticando também as normas e condutas aplicadas por meio do ECA.

A ideia de impunidade persiste ainda nos comentários proferidos na segunda semana de análise referente ao período de ocorrências dos atentados no Ceará. No dia 8 de janeiro de 2019, Vitor Valim diz, enquanto imagens de um atentado são transmitidas

---

na tela: “É revoltante. Vai o cara fazer alguma coisa. Mata um vagabundo desse... Pronto! Aí depois sabe pra quem vai sobrar? Pra mim! 'É Vitor Valim, você não viu que os bichinhos eram franzinos, menores de idade””, simula, irritado, o apresentador. Além disso, critica supostos questionamentos que possam ser levantados a partir do ataque aos direitos humanos atrelado à sua fala. O tom crítico a direitos consagrados pode ser verificado em outras ocasiões.

Como suposta resposta à impunidade, os apresentadores chegam a sugerir violências. Em 7 de novembro, na semana que marcava a passagem de mais um ano da ocorrência da Chacina da Messejana, Evaldo Costa sugere violência física contra adolescente: “bom de umas lapadas”, afirma. A fala configura incitação à violência, mesmo caminho seguido por Valim em comentário no dia 8 de janeiro. Em seu discurso, se pode-se perceber nitidamente a apologia à violência quando legitima a morte de pessoas envolvidas em um ato infracional ao disparar “Mata um vagabundo desse... Pronto”, seguido de comentário irônico sobre críticas que poderiam surgir caso o assassinato ocorresse.

### **Considerações Finais**

Foi possível observar, nos comentários analisados, a recorrência da crítica às medidas socioeducativas aplicadas aos adolescentes em conflito com a lei e a necessidade por punições mais severas. Não há, em nenhum dos comentários, a defesa pela ressocialização dos adolescentes. Ao contrário, as falas carregam tom de indignação quando são mencionados os que já foram internados no sistema socioeducativo e estão em liberdade e há a defesa de penas mais severas, o que culmina na defesa por uma política de encarceramento em massa.

Verificou-se que as práticas discursivas construídas no programa convergem para a estigmatização dos adolescentes das periferias como inimigos públicos, o que se dá a partir da vinculação exclusiva ao âmbito criminal, da desumanização e do silenciamento. O adolescente é, na cobertura produzida pelo programa, o “outro” com o qual o “cidadão de bem” não se confunde nem se assemelha, pois é brutalizado, daí porque é possível falar em desumanização. Tratando-se da adolescência em

---

vulnerabilidade social, a criminologia midiática se expõe em todo conteúdo transmitido no programa. Desde a escolha das pautas, que valorizam atos infracionais cometidos pelos adolescentes em detrimento de acontecimentos em que eles são vítimas, contrariando dados que mostram o alarmante índice de homicídios na adolescência no estado do Ceará.

### **Referencias Bibliográficas**

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900 – 2000**. Editora Mauad, 2007.

BARROS, João Paulo Pereira; ACIOLY, Lilith Feitosa; RIBEIRO, Júlia Alves Dias. **Re- Tratos Da Juventude Na Cidade De Fortaleza: Direitos Humanos E Intervenções Micropolíticas**. Revista de Psicologia, Fortaleza, 2016.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. [S. l.]: Sabotagem, 2004.

INTERVOZES. **Mídia, Eleições e Segurança Pública**. Rio de Janeiro: 2018.

JODELET, D.: Representações Sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. As representações Sociais. 1989. p. 31-61

RONDELLI, Elizabeth. **Imagens da violência: práticas discursivas**. Tempo soc., São Paulo, v. 10, n. 2, p. 145-157, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20701998000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701998000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso: 06.04.2019

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: A Tribo Jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2ª edição, 2008.

WACQUANT, Loïc. **Punir os Pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

ZAFFARONI, Eugenio Raul. **Saberes Críticos - A Palavra dos Mortos**. São Paulo: Saraiva, 2012.